

CULTURA E RELIGIÃO NA COLÔNIA NOVA UCRÂNIA

Dorotéa TCHOPKO, dorotea@fap.com.br

Docente

Faculdade de Apucarana. FAP

Este trabalho discute o papel da religião na preservação dos costumes e dos valores de uma comunidade de imigrantes ucranianos, radicados na cidade de Apucarana, norte do Paraná.

Esta incursão sobre a memória de família dos primeiros imigrantes ucranianos e seus descendentes, que chegaram no Brasil e formaram uma pequena comunidade em Apucarana, é muito interessante, pois trata das particularidades que nos permitem compreender melhor a história.

A Colônia Nova Ucrânia tem sua história marcada pela presença forte da Igreja, demonstrando como a religião foi um fator importante de manutenção da cultura, dos costumes e dos valores dessa comunidade de imigrantes.

Ao tratar da história, da cultura e das práticas religiosas da comunidade, esta pesquisa deparou-se com o problema das fontes que dessem suporte para o trabalho.

A metodologia utilizada foi baseada na história oral, através da coleta de depoimentos de cinco descendentes de ucranianos que foram visitados no período de setembro a novembro de 2004, além de se beneficiar da documentação privada, escrita e visual (fotografias), dos próprios entrevistados. Através da oralidade, resgatamos os modos de vida dos descendentes ucranianos que tomaram parte na história da região de Apucarana.

A história oral vem sendo muito utilizada e valorizada pelos pesquisadores sociais, justamente por permitir o acesso a histórias da vida privada e que, de outro modo, não poderiam ser conhecidas, pois normalmente trata da vida de gente simples e humilde, cujas histórias os documentos oficiais normalmente não registram.

Este trabalho não pretende discutir quantitativamente a população que vive na Colônia Nova Ucrânia, mas fornecer o perfil de alguns de seus integrantes e as dificuldades que enfrentaram em meio a uma região ainda sem perspectivas de crescimento, onde fundaram uma comunidade rural e buscaram preservar sua cultura.

Estes, vivendo num país com clima, língua e costumes totalmente diferentes ao que estavam acostumados, tiveram que enfrentar uma dura luta pela sobrevivência, buscando apoio na solidariedade familiar, para vencer as dificuldades.

É justamente a importância dessa solidariedade familiar um dos pontos que iremos discutir em nosso trabalho, mostrando como essa união agia no sentido de amenizar as dificuldades tanto dos que chegavam, quanto daqueles que já estavam no Brasil, ajudando a manter as tradições e os costumes da terra natal. Destacaremos como a religião foi fator importante para a manutenção dessa solidariedade familiar.

De acordo com Hanania (1999), toda a comunidade transplantada sente a necessidade de preservar o seu meio original devido à diferença de cultura e de língua. Assim, acreditamos que preservar o patrimônio cultural – objetos, documentos escritos, imagens, traçados urbanos, áreas naturais, paisagens ou edificações – é garantir que a sociedade tenha maiores oportunidades de perceber a si própria (Rodrigues, 2003).

Valorizando as pesquisas que registram a história de pessoas anônimas, revelando aspectos do passado antes encobertos, contribui-se para que todos participem da história da cultura de uma nação tão diversificada, como é o caso do Brasil. A memória coletiva é um patrimônio renovado e sempre memorizado.

1 Colonização Apucarana, Paraná

Desde o início do século XVI, os exploradores europeus atravessaram de norte a sul, e de leste a oeste o território paranaense tendo sempre como ponto de partida o litoral atlântico. O primeiro europeu a percorrer toda a extensão deste território foi o bandeirante Aleixo Garcia, a fim de colonizar a região sul do país.

No ano de 1554, é criada a primeira povoação europeia em território paranaense, às margens do rio Paraná, perto da foz do rio Ivaí. O Paraná recebeu cerca de vinte mil imigrantes italianos, alemães e em menor escala, eslavos. A ocupação aconteceu em três zonas sucessivas.

A colonização do Norte Novo do Paraná teve início com o trabalho dos pioneiros, que abriam clareiras para poder trabalhar e viver. Segundo a Publicação comemorativa da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, “o Norte Novo surgiu com a fundação de Londrina, em 1930, e seu excepcional desenvolvimento se iniciou com a travessia do Tibagi, em 1934, e a execução dos primeiros trabalhos urbanos complementares, quando despontou a era norte-paranaense” (CMNP, 1975, p.252).

Vários povoados foram fundados. Dentre estes municípios, surgiu Apucarana que se situa na Região Sul do Brasil, na Região Norte Novo do Paraná. Projetada em 1934 pela Companhia de Terras Norte do Paraná para ser patrimônio da cidade de Londrina, e servir ao propósito de núcleo de abastecimento às zonas rurais, teve como seu proposto o Sr. Benevides Mesquita.

Em 1936, apareceram as primeiras famílias ucranianas, japonesas, polonesas e alemãs em Apucarana. Os ucranianos se estabeleceram na Gleba Barra Nova, atualmente chamada Colônia Nova Ucrânia. Em 1937, havia cerca de cem famílias já fixadas na Colônia Nova Ucrânia.

Segundo censo realizado na Ucrânia, pelo governo, no ano de 1989, cerca de cinco milhões de ucranianos vivem em países da Europa, América do Norte, América do Sul e Austrália e, neste mesmo levantamento, constatou-se que 6,8 milhões de ucranianos vivem em países da extinta União Soviética. Na América do Sul houve duas correntes de maior imigração: no Brasil calcula-se mais de 50.000 e na Argentina em mais de 40.000 ucranianos, conforme informações da Embaixada da Ucrânia, no Brasil.

Estes se concentraram na região de Prudentópolis, Apucarana, Curitiba, Guarapuava, Dorizon, Ivaí, Irati, Pato Branco, Pitanga, Mallet e Ponta Grossa. Os primeiros grupos, dedicavam-se à lavoura e eram encaminhados a terras ainda não desbravadas, tornaram-se pioneiros, derrubaram matas e construíram suas casas.

Os integrantes da colônia Ucrânia em Rancharia, Estado de São Paulo, migraram para o Paraná em 1936 e estas primeiras famílias ucranianas estabeleceram-se na Gleba Barra Nova,

atualmente chamada de Colônia Nova Ucrânia. Acreditavam que o clima da região sul era o mais adequado para o cultivo de trigo e a grande maioria dos ucranianos que chegavam à Colônia eram de tricultores.

Podemos afirmar que a maioria dos imigrantes já estava inserida no Brasil quando chegaram à Colônia Nova Ucrânia, de acordo com Bohdan Stryzakowsky (68 anos) que veio de Colônia Warta, Londrin, e a entrevistada Nathália Galan (81 anos) que veio de Cândido de Abreu, entre outros descendentes.

Descendente de ucranianos, cujos pais chegaram com 17 anos e aqui se casaram, Nathalia nasceu em Cândido de Abreu, Paraná, e o que motivou seu pai a se mudar para a Colônia Nova Ucrânia foram os jornais com propaganda que chegava a região.

Surgiram os primeiros homens que iniciaram uma intensa propaganda, demonstrando, que as terras eram fertilíssimas, próprias ao plantio de café, sobretudo e de todos os outros cereais (HANEIKO, 1980, p.16).

Conforme Haneiko (1980), não existia colaboração de quem quer que fosse, então, essas primeiras famílias que se estabeleceram na Colônia Nova Ucrânia ficaram expostas aos animais selvagens, insetos e todo e qualquer imprevisto para encetarem o seu trabalho.

2 Religião e Cultura

A paróquia era o único grupo social organizado ao qual o camponês pertencia. No dia 11 de Julho de 1937, foi realizada uma reunião com vários imigrantes e seus descendentes que vieram fazer parte da Paróquia Ucraniana Espírito Santo.

Havia cerca de 90 famílias, fiéis da Igreja Ortodoxa Autocefálica Ucraniana. O primeiro sacerdote ortodoxo da Colônia Nova Ucrânia foi o Pe. Gregório Onyszcenko que chegou aqui em 1937.

Na Colônia também se fixaram fiéis da Igreja Ucraniana Católica da Ordem dos Basilianos de Prudentópolis, sendo o primeiro sacerdote o Padre Marquiano Shirpan, de 1939 a 1942. Esporadicamente atendia aos fiéis, em casas particulares, celebrava missas, batizava, confessava. Somente em 1945 foi concluída a construção da Capela na Colônia Nova Ucrânia (HANEIKO, 1980, p.18).

A primeira Associação Escolar foi fundada na Colônia Nova Ucrânia, construída no terreno da União Agrícola Instrutiva, filial de Curitiba em 1938. Teve como primeiro professor o Sr. André Berezoski, porém a escola só começou a funcionar em 16 de abril de 1940. No mesmo ano foi construído o primeiro cemitério. Segundo documentário:

“André Berezoski, que esteve em Apucarana pela primeira vez em 1937, vindo do município de Tomazina-Pr, havia cerca de 100 famílias já fixadas na Colônia Nova Ucrânia. Fora do local dos ranchos, apenas um quadro de 50 por 50 metros quadrados de mata, havia sido derrubado. Em seguida, construíram uma escola naquele local” (Vivo Apucarana, 1993).

Ele foi nomeado por indicação de Antônio Ostrenski da Companhia de Terras Norte do Paraná, por solicitação dos moradores, para o cargo de professor, devido ao grande número de crianças sem instrução. Assim, como já foi dito, as crianças ajudavam os pais, e no início, o professor também ministrava aulas no período noturno para adultos que queriam aprender o novo idioma.

Os ucranianos e descendentes, em sua maioria, buscavam compreender melhor o local onde estavam para que pudessem interagir no seu meio, pois as notícias o país de origem não eram boas, então deveriam se preparar para ficar definitivamente aqui no Brasil.

A igreja era o melhor local para se viver em comunhão e preservar sua religião. As paróquias então criadas tornaram-se instrumento eficaz para a dinâmica social, pois a Igreja era o elo da comunidade e serve de referência aos trabalhos realizados por pesquisadores.

Os ucranianos em sua minoria era ortodoxa pertencente à Igreja Ortodoxa Autocefálica Ucraniana, que reconhece a autoridade do Patriarca Ecumênico em Constantinopla, atual Istambul, na Turquia. No início, com a chegada dos sacerdotes, houve transtornos devido ao rito bizantino permitir o casamento dos sacerdotes enquanto para o rito romano (ou latino) não é permitido.

De acordo com Bohdan Stryzakowsky, em entrevista ao jornal (1997) da cidade Apucarana:

O povo que veio para Apucarana era altamente religioso.”Além de pensar em bens materiais, nas terras férteis da colônia, não esqueceu do legado espiritual de seus antepassados”, salienta. Tanto que já no dia 11 de julho de 1937 foi aberta uma clareira no lote pertencente à comunidade, onde ergueu-se um rústico altar coberto de palmito. No

local foram realizadas as primeiras missas da Colônia Nova Ucrânia e de todo o Patrimônio de Apucarana [...].

Por mais de um ano, rezava-se no altar improvisado debaixo de folhas de palmeiras.

Logo após, construiu-se uma capelinha nas terras do Pe. Gregório onde toda a comunidade participava.

Os paroquianos da Igreja Autocefálica Ucrâniana Ortodoxa “Espírito Santo” reuniram-se em 1942 com o objetivo de promover a construção de uma igreja pequena e bonita, com a contribuição da comunidade.

Segundo Alvim (1998, P.262), “construir uma igreja envolvia trabalho conjunto, sacrifício, espírito de iniciativa visando o bem comum. Isso na realidade era uma retomada da vida coletiva desenvolvida na aldeia de origem”.

E assim ocorreu, o Sr. Stefano Stryzakowsky doou 2.400 metros quadrados de terra livres de qualquer ônus para a paróquia e cuja escritura lavrada e registrada em 19 de agosto de 1942 acha-se entre os bens da Paróquia.

Mais tarde em 21 de julho de 1950, Miguel Kuniski também doou 1.000 metros quadrados de terra para a construção de Salão Paróquia e cujos documentos legais se encontram nos arquivos da Paróquia (Folheto Comemorativo da Paróquia. 1997).

Além das doações materiais, toda a comunidade colaborou com mão-de-obra na construção da Igreja.

O cotidiano destes imigrantes era o trabalho e a igreja. Estas famílias formavam um elo com seu passado para imunizar os filhos contra a assimilação da nova cultura, pois existia a esperança permanente de retorno ao país de origem, mas era necessário o país estar em liberdade para que isso se realizasse.

Para não perder parte de seu bem cultural, como legado de seus antepassados, os imigrantes construíam em comunidade a igreja que envolvia trabalho, sacrifício, espírito de iniciativa sempre visando o bem comum. A manutenção das práticas religiosas era muito importante, assim toda a comunidade se envolvia nesta empreitada.

A convivência na Colônia Nova Ucrânia era plena, pois poderiam manter parte de seu passado e, pouco a pouco, agregar valores diferentes e que não ferissem o modo de vida anterior. Este medo de perder a sua própria identidade os fazia manter um círculo de

amizades, núcleos ou colônias onde poderiam estabelecer sua cultura e receber orientação de clero, tentando não corromper a memória de seus antepassados.

Segundo (Fausto, 1998), o imigrante busca amenizar a separação materializando, de várias formas, a lembrança da terra que deixou. O arranjo de sua casa tem características próprias, evidenciadas nos chamados objetos biográficos, expostos como fragmentos de um mundo a que se deseja voltar, mas que se suspeita jamais ser possível rever.

Os padrões culturais mais preservados nas famílias descendentes e que ainda podem ser observados em nossa comunidade é a alimentação, enfeites da sala de visitas com quadros de santos, toalhas bordadas em ponto cruz com motivos ucranianos, os trabalhos artesanais, o uso da cobertura de pena, a língua, a dança, a arquitetura da Igreja, os ritos religiosos. Tal fato evidencia uma característica bastante forte da etnia ucraniana, que é a preservação de sua identidade cultural e religiosa.

Segundo Fabiana Galan (20 anos), neta de descendentes ucranianos, nascida na Colônia, sua família mantém ainda hoje a alimentação, ou seja, *Varenekê* que são pastéis cozidos com requeijão e batatinha, *Holupsi* uma forma de charuto tendo como recheio arroz, trigo mourisco e carne moída entre outros.

A grande maioria dos imigrantes que vivem no Brasil buscaram manter a sua cultura e religião e formaram colônias étnicas para que pudessem transpor a distância de sua terra natal. Uma das principais preocupações dos ucranianos da Colônia Nova Ucrânia e demais colônias com imigrantes ucranianos do Brasil, era a educação e a religião. Eles se reuniam comunitariamente, construíam em mutirão seus cemitérios, suas escolas e suas igrejas, bem como faziam intercâmbios culturais por meio de jornais e almanaques que circulavam no Brasil e Estados Unidos em idioma ucraniano, como instrumento de preservação da cultura e da língua.

Todos participavam das manifestações culturais e religiosas. Para não perder esta essência, o grupo se uniu para que a memória pudesse transpor as barreiras de seu país e, ao mesmo tempo, demonstrar o seu amor à pátria de origem, criando um vínculo com a pátria que os acolhera constituindo-se num processo de encontro entre passado e futuro.

Como não bastava apenas ficar e sobreviver, era necessário conviver e se relacionar com os demais. Devido a isso, surgiu a necessidade de aprender o português. Os ucranianos

encontravam dificuldades por causa da própria origem da língua eslava que pertence ao grupo lingüístico indo-europeu. As crianças, que aprendiam com facilidade, tornavam-se intérpretes dos adultos.

Assim, desde cedo, as crianças participavam da escola e isso auxiliava os pais que muitas vezes não conheciam o novo idioma. Um traço importante dos imigrantes era a necessidade de aprender o português e manter-se em sociedade.

A partir da memória destes imigrantes e seus descendentes, é possível observar como a comunidade transmite o amor pelas tradições trazidas pelos seus antepassados, que é passada através de relatos orais, refletindo o valor que a sociedade dá à sua história.

De acordo com os depoentes Maria Galan (58 anos) e Bohdan Stryzakowsky (68 anos), a prática religiosa estava ligada ao lazer, que contribuía para manter vivas as tradições, como no natal, Sviatei Vetchir, Kolhada, na Páscoa a benção dos alimentos e Haílka, teatro, Dia das Mães, Homenagem a Tarás Tchevtchenko, entre outros.

A religião é um aspecto muito importante destes imigrantes e seus descendentes porque “(...) é representada pelos rituais e festas religiosas, ou alusivas à religião. Por causa da crença, estabelece-se, em alguns casos, um calendário que não segue o do país receptor” (FAUSTO, 1998:45).

Considerações Finais

Todas as manifestações materiais da cultura criada pelo homem têm uma existência física, num espaço e num determinado período de tempo. Algumas destas manifestações são destruídas e desaparecem, esgotadas na sua funcionalidade e significado, outras sobrevivem aos seus criadores, acumulando-se a outras expressões.

Assim o Brasil representou para os ucranianos um terreno neutro em que puderam viver condignamente, livres de distorções políticas e podendo exercer suas crenças. Enfrentaram problemas relacionados à sobrevivência, mas conseguiram manter parte de seu legado cultural timidamente, como alimentação e as festas religiosas tradicionais.

A Colônia Nova Ucrânia não tem a mesma quantidade de participantes que outrora, pois os jovens buscam as cidades na esperança de um futuro melhor, já que o trabalho com a lavoura não se mostrou tão gratificante, quanto gostariam e esperam.

A preservação da cultura é um tema que preocupa nossa sociedade. Como não poderia deixar de ocorrer, os historiadores se voltam para o passado com perguntas suscitadas por seu presente e questionam sobre qual a história da inter-relação entre sociedades humanas e a tradição. Um grupo social tem grande responsabilidade, tanto no processo de destruição como no de conservação da cultura.

O ritmo crescente da industrialização provoca mudanças no meio ambiente. Este termina por não oferecer mais aos seus moradores aquilo que eles, a princípio, buscavam. O meio rural tem sido particularmente afetado por estas transformações, levando muitos de seus moradores a buscarem à cidade a procura de melhores oportunidades de trabalho e condições de vida. Foi o que se deu com parte significativa dos moradores da Colônia Nova Ucrânia.

O objetivo desta pesquisa foi entender como a religião tornou-se importante fator de manutenção das raízes culturais dos ucranianos radicados em Apucarana. Hoje apenas vinte a trinta famílias vivem no local e o resgate da memória nos mostrou que muitos desses descendentes mudaram-se para outras cidades ou até mesmo migraram para outros países.

Hoje restam apenas algumas poucas famílias remanescentes que participam e preservam a Igreja. O Padre Valdomiro a visita uma vez por mês. As missas seguem o rito oriental ortodoxo em idioma ucraniano, a comunidade mantém as datas comemorativas segundo o calendário Juliano. Devido à dificuldade dos jovens em entender o ucraniano, já se fala numa modificação do ato litúrgico, que teria seu idioma modificado. A Eparquia, com sede em Curitiba, e mesmo alguns membros da comunidade, estão preocupados. Outra dificuldade refere-se ao fato da diferenciação religiosa, pois o Brasil é na sua maioria católico enquanto os descendentes ucranianos seguem o calendário oriental.

Para Fausto (1998), a língua pode ser um fator que causa estranheza entre as gerações, ao aprender o português, a segunda geração de imigrantes logo percebem que sua família falava mal o idioma nacional, o que os fez envergonhados diante dos colegas e amigos. Por essa razão, acabaram abandonando o idioma.

Como já nos afirma Bastide (1980), mesmo quando o imigrante procura se tornar um

bom brasileiro, desempenhando seus deveres cívicos, ele se recusa a se desligar das tradições dos passado, continuando a cultivar num canto do seu coração o jardim secreto do país abandonado.

Os imigrantes e seus descendentes aceitaram a nova civilização, mas o simples contato de culturas diferentes modificou a ambas. Tanto quanto a paisagem brasileira foi modificada devido à chegada dos imigrantes, que transformaram o ambiente procurando criar em torno de si o ambiente da pátria perdida e a cultura dos antepassados foi modificada com a inserção da nova cultura que se tornou dominante no seu meio.

As lembranças dos descendentes de ucranianos que habitam a Colônia Nova Ucrânia têm uma certa ambigüidade. Para alguns, a religião foi fator decisivo para a manutenção cultural, em especial mantendo a prática das festividades que seguiam os costumes trazidos da Ucrânia tanto quanto possível. Outros, entretanto, dizem que a culpa da destruição da cultura ucraniana foi justamente o fato de a colônia não ter nunca mantido um líder religioso mais atuante.

Todos os entrevistados falaram de seu passado como sombras tênues. Por essa razão, admiram o trabalho de pesquisa feito, que os fará lembrados pelas futuras gerações. Todos são unânimes em afirmar que o resgate da cultura deverá funcionar como espelho para os que virão. Por serem uma minoria no meio da multidão, temem ser esquecidos.

BIBLIOGRAFIA

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: A vida privada dos pobres do campo In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BALHANA, Altiva Pilatti. Religião e Imigração no Brasil Meridional In: **América: raízes e trajetórias; vol. 9**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1999.

BARAN, Kátia Mazepa. *Haïlkas e Vesniánkas* In: **Mê Rostemo Boletim Informativo da Associação da Juventude Ucrâno Brasileira**. Curitiba, nº 73, abril/ maio 2002.

_____. As Cantigas Natalinas In: **Mê Rostemo Boletim Informativo da Associação da Juventude Ucrâno Brasileira**. Curitiba, nº 71 dezembro 2001/janeiro 2002.

_____. O Diduh In: **Mê Rostemo Boletim Informativo da Associação da Juventude Ucraino Brasileira**. Curitiba, nº 71, dezembro 2001/janeiro 2002.

BARROS, José Márcio et. all. "**Cultura e Memória**". In: Cadernos de Ciências Sociais. Vol. 3, n.4. Dezembro 1993, PUC/MG, pg. 13-18.

BASTIDE, Roger. **Brasil, Terra de Contrastes**. 10ª ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Difusão Editorial, 1980.

BEZZANT, Tânia Maria Gomes da. "Ciência ou literatura? Discutindo a história oral". In: **Anais da IV Semana de Letras**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jandaia do Sul. FAFIJAN, 2000, p. 165-172.

_____, "História da família: novos tempos, novas abordagens". In: **Revista de Ciências Humanas**. Vol 3.n. 2. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa. Dezembro de 2003, p. 135-140.

CALENDÁRIO O Lavrador ucraniano 1937. **Nova Ucrânia**. Curitiba 1936. Tradução Nossa.

COLÔNIA NOVA UCRÂNIA. **Paróquia Ortodoxa Ucraniana Autocefálica Espírito Santo**. Apucarana, 1937 –1997. Folheto Comemorativo.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. São Paulo, 1975. Publicação comemorativa dos 25 anos da CMNP.

CZAIKOWSKI, Mariano. **Tarás Chevtchenko: O poeta da Ucrânia**. Curitiba. 1989.

DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina R. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Alínea Editora. 2002. 129-134.

DOMINGUES, Marsio Guilherme. **Vivo Apucarana Vol. I**. Londrina, Grafmark. 1993.

DRACH, Wira. Folklore. UKRAINE. A concise Encyclopedia. Computoprint Corporation, Clifton, NJ. 1976. p. 117/122.(Tradução Ivan Daniel Tchopko)

DROPA, Márcia Maria. A presença dos ucranianos em Ponta Grossa. **Caderno Especial 16 anos do Diário da Manhã em parceria com a UEPG – Etnias**. Disponível em: <<http://www.diariodamanha.com.Br/cdicocsanteriores/030826/especial3.htm>>. acesso em 10 de abril de 2004.

ECCLESIA.**Imigração e Distribuição de Ucranianos pelo Mundo**. Disponível em:<http://www.ecclesia.com.br/eparquia/ucranianos/imigracao_ucraniana.htm>. Acesso em: 10 abril 2004.

_____. Breve Histórico da Imigração no Brasil. Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/eparquia/ucranianos/imigracao_ucraniana.htm>. Acesso 10 de abril de 2004.

FAUSTO, Boris. "A imigração: Cortes e Continuidades" In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico**. Editora Nova Fronteira, novembro de 1999.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH/ USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime.(org.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003. 3ª Edição – Coleção Turismo Contexto.

GUIMARÃS, J. Gerardo M.. **Repensando o Folclore**. Barueri, SP: Editora Manole Ltda, 2002.

HANANIA, Aïnda Ramezá. A produção cultural do Imigrante Árabe no Brasil (Fins do Século XIX E XX) In: **América: raízes e trajetórias; vol. 9**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1999.

HANEIKO, Pe. Valdemiro. **Feliz Páscoa!** Apucarana: 8º Boletim, ABN (Bloco de Nações Anti-Bolchevista). 1976.

_____. **Cristo Ressuscitou!** Apucarana: ABN (Bloco de Nações Anti-Bolchevista). 1980.

HISTÓRIA DA I.O.A.U. **A Imigração Ucraniana no Brasil**. Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/ortodoxos-osasco/historia-brasil.htm>>. Acesso em 10 abril 2004.

IZIQUE, Cláudia. **Uma América por fazer**. Encarte Especial Imigrantes, Revista Horizonte Geográfico. São Paulo: Audichromo Editora Ltda. Ano13, nº 67, Jan. /Fev. 2000.

KHATLAB, Roberto. **As Igrejas Orientais Católicas e Ortodoxas. Tradições Vivas**. São Paulo: AM Edições. 1ª edição, 1997.

KOTVISKI, José Wilson. Pêssanka In: **Mê Rostemo Boletim Informativo da Associação da Juventude Ucrâno Brasileira**. Ivaí, nº 80, fevereiro/março 2003.

LEMOS, Carlos A. C.. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: 5ª Edição, Editora Brasiliense. 1987.

LÔR, Haroldo Victor. **Álbum Comemorativo do 25º aniversário de Emancipação Política do Município de Apucarana Estado do Paraná**. Gráfica Wilger, Apucarana e Indústrias Gráficas Santa Terezinha, Araçongas. 1968.

MAGNOLI, Demétrio; ARAUJO, Regina. **Geografia: paisagem e território: geografia geral e do Brasil.** São Paulo: 2ª ed. Reformada, Moderna, 1997.

MARCON, Telmo. **Memória, história e cultura.** Chapecó: Argos, 2003.

MEMORIAL DO IMIGRANTE. **Estatísticas gerais: Imigrantes e Descendentes.** Disponível em: <<http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br/estatist/Estat07.html>>. Acesso em 10 de março de 2004.

MILLUS, Proto-Presbítero Nicolás. “*A Igreja Ortodoxa Ucraniana no Brasil*” In: **Calendário Jubilar da Igreja Ortodoxa Autocefálica Ucraniana na América do Sul.** Curitiba: Estética Artes Gráficas Ltda. 2000.

_____. A véspera do Natal na Ucrânia In: **A Seara Ortodoxa.** Curitiba, nº 06, p. 2, janeiro/fevereiro de 1997.

_____, **A Igreja Ortodoxa no Brasil.** Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/ortodoxos-osasco/historia-brasil.htm>>. Acesso em 10 abril 2004.

MILLS, Yaroslava Surmach-. **The pysanka. UKRAINE.** A concise Encyclopedia. Computoprint Corporation, Clifton, NJ. 1976. p. 254/256.(Tradução Ivan Daniel Tchopko)

MÜLLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. Normas e padrões para teses, dissertações e monografias. 5. ed. Atual. Londrina: Eduel, 2003.

PINHEIRO, Leide. **Primeiros ucranianos chegaram há 64 anos e crescem com Apucarana.** Tribuna do Norte, Apucarana, 28, janeiro 1998.

_____. **Igreja Ucraniana comemora 60 anos.** Tribuna do Norte, Apucarana, 14, junho 1997.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no Percurso do Tempo.** São Paulo: Aleph, 2002.

RODRIGUES, Waldemar. **Planejamento do Turismo.** São Paulo: Atlas, 2003.

ROSA, Maria Cristina; PIMENTEL, Giuliano G. Assis; QUEIRÓS, Ilse Lorena Von Borstel.

G. de. **Festa, Lazer e Cultura.** Campinas, SP: Papirus, 2002.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura.** São Paulo: 11ª Edição, Editora Brasiliense. 1983.

SEEC. **História do Paraná.** Disponível em: <<http://www.pr.gov.br/seec/historiapr.shtml>> . Acesso em 31 abril de 2004.

STOLCKE, Verena. **Cafeicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980).** Denise Battman e João R. Martins Filho (trad.). São Paulo: Brasiliense, 1986.

**SALÃO DE
EXTENSÃO
E CULTURA**
2008

***Estabelecendo diálogos,
construindo perspectivas***

ISBN 978-85-7891-008-2

STRYZAKOWSKY, João. Paróquia Espírito Santo na Colônia Nova Ucrânia, Apucarana Paraná 1957. **Livro de Memórias**. Curitiba. 1959.(Tradução nossa).

VIEIRA, Ildeu Manso. Jacus & Picaretas. **A história de uma civilização**. Curitiba, 1986.